



## GEOGRAFIAS ROSEANAS EM A MENINA DE LÁ



### RESUMO

Este trabalho constitui-se em uma leitura crítica do conto de autoria de João Guimarães Rosa intitulado **A menina de lá**, que integra o livro **Primeiras estórias**, publicado originalmente no ano de 1962. Buscamos ressaltar como, por intermédio da manipulação estética da palavra, o escritor de Cordisburgo conduz o leitor através de diferenciadas geografias, levando-o a perpassar e a reconhecer as percepções características não apenas do Sertão, mas também do mundo das crianças e do mundo dos adultos. Nesse exercício da palavra, ao entrar em contato com as potencialidades e peculiaridades da linguagem que caracteriza a personagem Nhinhinha, é possível ao leitor desvendar a realidade posta entre o mundo prático dos adultos – localizado na geografia previsível e racional do mundo de cá – e o sentido onírico e surpreendente, além de outras dimensões que se estabelecem nas fronteiras do mundo lá, mundo permeável à entrada das crianças e daqueles que manejam a palavra como elas.

Palavras-chave: Conto. João Guimarães Rosa. Linguagem. Literatura Brasileira.

### 1 INTRODUÇÃO

A princípio pode soar com estranheza ao leitor a ordem empreendida às palavras que dão título a este trabalho, numa aparente confusão causada a partir da estruturação da expressão **em a menina de lá**. Talvez devêssemos recorrer ao conforto e à precisão da locução adverbial **no conto A menina de lá**, ou mesmo evitar a quebra anunciada, utilizando-nos da fusão entre preposição e artigo definido para, então, grafarmos a expressão **na menina de lá**, sabedores de que estaríamos, evidentemente, diante de uma mudança semântica significativa. Todavia, em se tratando o presente artigo de um exercício de reflexão acerca da escrita de João Guimarães Rosa – em específico, aquela desenvolvida na criação do conto **A menina de lá**, que se encontra inserido entre as narrativas do livro **Primeiras**

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

**estórias**, este publicado originalmente pelo autor em 1962 – em que pese o vocabulário e a lida com a linguagem, qualquer inquietação provocada nos sentidos do leitor é, por certo, representação de um adentrar por uma miríade de veredas que tem rendido à Literatura Brasileira e à crítica literária especializada tempos de inesgotáveis debates e estudos.

A par disso, e já numa possível tentativa de esclarecimento quanto ao título que ora imprimimos às reflexões que se seguem, lembramos que perscrutar as geografias descobertas, inventadas e frequentadas por João Guimarães Rosa denota um mergulho na investigação acerca das muitas significações de um universo que se funda a partir da palavra e que, explorado pelo autor de **Grande sertão**: veredas, revela-nos todo um rico conjunto de personagens. Tais personagens, pelas características que lhes imprime o escritor, nos inspiram no mais das vezes os sentimentos de estranheza, de surpresa frente ao insólito e de estupefação diante do fantástico. Decorre disso a preciosidade da obra roseana, uma vez que é nesse exercício de exploração – realizado assim, desse modo diferenciado – das muitas dicções e geografias da cultura dos sertões de Minas Gerais que Guimarães Rosa extrapola quaisquer expectativas de análises absolutas e definitivas sobre sua obra, análises estas muitas vezes limitadas tão somente à inclusão de João Guimarães entre os chamados autores regionalistas do terceiro momento modernista da Literatura Brasileira.

Não há dúvidas de que o escritor da cidade mineira de Cordisburgo desenvolve a temática do regionalismo de maneira a torná-la universal, à medida que, na composição de suas narrativas, lança mão de aspectos incapazes de serem contidos numa visão única e reducionista a respeito do que sejam tanto o sertão de Minas Gerais quanto as identidades que o habitam. Nesse sentido, vale lembrarmos algumas das palavras escritas por João Guimarães Rosa e publicadas na revista **O Cruzeiro**, no ano de 1957, quando então o autor de **Sagarana** afirmava sobre o estado de Minas Gerais que “Seu orbe é uma pequena síntese, uma encruzilhada; pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas<sup>1</sup>.”

---

<sup>1</sup> **Aí está Minas**: a mineiridade, texto de João Guimarães Rosa, publicado em agosto de 1957. Disponível em: <[www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/ai-esta-minas-a-mineiridade](http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/ai-esta-minas-a-mineiridade)>. Acesso em: 01 jun. 2014.

## 2 GEOGRAFIAS ROSEANAS

Considerando o conto **A menina de lá**, temos que, se por um lado, ao leitor não é dado demarcar com exatidão a região a que pertence a menina Maria – a Nhinhinha –, por outro, podemos perceber que a ficção criada por João Guimarães Rosa inaugura diferenciadas geografias: há aquela a que pertence a menina, qual seja, o lado de lá; e ainda o lado de cá, no qual se encontram o Pai, a Mãe e a Tiantônia. Sob essa mesma ótica, Guimarães Rosa nos revela também especificidades da geografia do mundo da criança e da geografia do mundo adulto.

A configuração desses espaços se dá notadamente por intermédio da palavra. É, primeiramente, pela fala da menina que podemos perceber que sua linguagem não é a mesma que a das pessoas do lado de cá, tendo em vista que, registremos, os habitantes deste *locus* (o pai, a mãe e a tia) pouco compreendiam do que a menina Nhinhinha dizia: “‘Ninguém entende muita coisa que ela fala...’ – dizia o Pai, com certo espanto.”, escrevera Guimarães Rosa (2001, p. 67).

Assim, o lado de lá – a geografia do lá – que caracteriza a personagem Nhinhinha vai se mostrando ao leitor, a partir do modo como a personagem o constrói, afinal é admirável o fato de que alguém fale ou conte histórias tal qual a menina. João Guimarães Rosa marca tais aspectos ao longo de todo o conto, construindo aos poucos certa noção de que Nhinhinha não pertenceria mesmo a esse mundo, mas a um outro lugar que se mostra traduzível apenas por meio de suas palavras de criança. Vejamos:

Menos pela estranhez das palavras, pois só em raro ela perguntava, por exemplo “Ele xurugou? – e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia. Mas, pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido. Com riso imprevisto: “–Tatu não vê a lua...” – ela falasse (ROSA, 2001, p. 67).

E ela respondia, alongada, sorrida, moduladamente: “Eu... to-u... fa-a-zendo”. Fazia vácuos. Seria mesmo seu tanto tolinha? (ROSA, 2001, p. 68).

Todavia, não é apenas isso. As atitudes diante das coisas mais simples do mundo e a capacidade de fazer concretizar tudo aquilo que desejasse tornam a personagem um ser que pertenceria não ao mundo de cá, delimitado pelo autor como sendo um local constituído de um brejo de água limpa chamado Temor-de-Deus, atrás da Serra do Mim, localidades de um sertão recriado por João Guimarães

Rosa – na forma como bem desponta em **Sagarana**, livro de estreia do escritor no panorama da Literatura Brasileira – e cuja configuração atinge o seu auge em **Grande Sertão**: veredas. A propósito da geografia descrita por João Guimarães Rosa nesta referida obra, que entendemos ser extensiva a todas as outras narrativas de punho do autor, dentre as mesmas o conto aqui considerado, o crítico Antonio Cândido afirma que

[...] O mundo de Guimarães Rosa parece dado pela observação. Cautela, todavia. Premido pela curiosidade, o mapa se desarticula e foge. Aqui um vazio; ali uma impossível combinação de lugares; mais longe, uma rota misteriosa, nomes irreais. E certos pontos decisivos escapam do todo. Começamos então a sentir que a flora e a topografia obedecem frequentemente à necessidade de composição [...] Aos poucos vemos surgir um universo fictício (CÂNDIDO, 1991, p. 299).

Dentro dessa noção acerca de uma topografia que obedece à necessidade de composição, no conto **A menina de lá**, podemos verificar que pouco importa ao narrador a revelação de maiores detalhes sobre a eventual localização de Temor-de-Deus ou da própria Serra do Mim, visto que, em sendo lugares do lado cá, maior curiosidade invade o leitor quanto a aspectos que se relacionam não apenas com a localização como também com a compreensão das coisas do lado de lá, ao qual pertenceria Nhinhinha. Isso se deverá talvez à visão *sui generis* com que Maria captava essa realidade que a circundava.

Ela apreciava o casacão da noite. – “Cheinhas!” – olhava as estrelas, deléveis, sobre-humanas. Chamava-as de “estrelinhas pia-pia”. Repetia: “– Tudo nascendo!” – essa sua exclamação diletta, em muitas ocasiões, com o deferir de um sorriso. E o ar. Dizia que o ar estava com cheiro de lembrança – “A gente não vê quando o vento se acaba...” Estava no quintal, vestidinha de amarelo. O que falava às vezes era comum, a gente é que ouvia exagerado: – “Alturas de urubuir ...” Não, dissera só: – “... altura de urubu não ir”. O dedinho chegava quase no céu. Lembrou-se de: – “Jabuticaba de vem-me-ver ...” Suspirava depois: – “Eu quero ir para lá.” – Aonde? – “Não sei.” Aí, observou: – “O passarinho desapareceu de cantar...” De fato o passarinho tinha estado cantando, e, no escorregar do tempo, eu pensava que não estivesse ouvindo; agora ele se interrompera. Eu disse: – “A avezinha.” De por diante, Nhinhinha passou a chamar o sabiá de “Senhora Vizinha...” E tinha respostas mais longas: – “Eeu? Tou fazendo saudade.” Outra hora, falava-se de parentes já mortos, ela riu: – “Vou visitar eles...” Ralhei, dei conselhos, disse que ela estava com a lua. Olhou-me, zombaz, seus olhos muito perspectivos: – “Ele te xurugou?” Nunca mais vi Nhinhinha (ROSA, 2001, p. 69).

A maneira como a personagem se expressa, muito mais que reflexo das experiências discursivas realizadas por João Guimarães Rosa para recriar a linguagem do sertão em suas obras, representa o rompimento com a linguagem cartesiana, marca de um racionalismo que se vê, assim, compelido a andar pelo terreno imprevisível que se coloca, lembrando outro conto do autor, entre uma e outra margem do rio, ou seja, fora do espaço comum e confortavelmente conhecido a que talvez o senso humano comum esteja habituado. Nesse sentido, vale-nos ressaltar o entendimento externado pela Professora Iolanda Cristina dos Santos, em tese de doutorado intitulada **O aprendizado do olhar na obra de João Guimarães Rosa**. De acordo com esta autora,

“A menina de lá”, além da riqueza dos conteúdos que abarca, inspira-nos por se tratar de uma narrativa em que nos chamam a atenção os procedimentos discursivos da protagonista, os quais rompem com a lógica racionalista e instauram o sentimento ou a atmosfera do imprevisível. Inspirados nos “olhos enormes” desta menina, é possível nos fixarmos naqueles pontos em que – parece-nos – só ela consegue ver. Os seus atos de fala são uma representação metafórica do que ela entrevê. Portanto, muitas palavras – com sons incomuns – parecem incompreensíveis, como se ela falasse um dialeto próprio, de um outro lugar (SANTOS, 2006, p. 108).

Para além da questão da linguagem de Nhinhinha, que como bem acentuou Santos é constituída de “muitas palavras que – com sons incomuns – parecem incompreensíveis, como se ela falasse um dialeto próprio, de um outro lugar”, há também a questão da materialização dos desejos da menina e a realização de milagres por sua parte, o que lhe acarreta características que a afastam do espaço comum, terreno, no qual habitavam os seus parentes.

Sei, porém, que foi por aí que ela começou a fazer milagres. Nem Mãe nem Pai acharam logo a maravilha, repentina. Mas Tiantônia. Parece que foi de manhã. Nhinhinha, só, sentada, olhando o nada diante das pessoas: – “Eu queria o sapo vir aqui”. Se bem a ouviram, pensaram fosse um patranhar, o de seus disparates, de sempre. Tiantônia, por vezo, acenou-lhe com o dedo. Mas, aí, reto aos pulinhos, o ser entrava na sala, para aos pés de Nhinhinha – e não o sapo de papo, mas a bela rã brejeira, vinda do verduroso, a rã verdíssima. Visita dessas jamais acontecera. E ela riu: – “Está trabalhando um feitiço...” Os outros se pasmaram; silenciaram demais (ROSA, 2001, p. 69).

Confirmação da existência de uma visão característica da geografia do lado de cá são as atitudes adotadas pelos parentes de Nhinhinha. O pai era um pequeno

sitante, que vivia na lida com vacas e com arroz. A mãe estava sempre agarrada ao terço, mesmo quando passando descompostura em alguém; e Tiantônia, esta quem, por primeiro, notara os iniciais milagres da menina e que, ao depois, revela o ponto em que Maria prevê a própria partida, por ocasião do encontro com o arco-da-velha formado após uma chuva que caíra na Serra do Mim depois de longo período de seca.

Essa dura realidade do mundo de cá evidencia-se por intermédio do sentido prático que os seus habitantes pensam dar aos prodígios de Nhinhinha, muito embora a menina pouca coisa de extraordinário desejasse realizar com os referidos poderes. Nisso está, inclusive, a possível salvação da mãe, adoentada com dores “que eram de nenhum remédio”.

A relação aparentemente paradoxal entre essas duas geografias instaura-se ao se ressaltar que Nhinhinha, “despersuadível”, conforme ressalta o narrador roseano, não havia de falar à mãe a cura. Mesmo assim, quase que por acaso, a mãe se cura ao ser abraçada despretensiosamente pela menina.

O que ela queria, que falava, súbito acontecia. Só que queria muito pouco, e sempre as coisas levianas e descuidosas, o que não põe nem quita. Assim, quando a Mãe adoeceu de dores, que eram de nenhum remédio, não houve fazer com que Nhinhinha lhe falasse a cura. Sorria apenas, segredando seu – “Deixa...Deixa... – não a podiam despersuadir. Mas veio, vagarosa, abraçou a Mãe e a beijou, quentinha. A Mãe, que a olhava com estarecida fé, sarou-se então, num minuto. Souberam que ela tinha então outros modos (ROSA, 2001, p. 70).

A respeito ainda desse referido mundo de cá, há que ressaltarmos a preocupação dos parentes de Nhinhinha em preservá-la da curiosidade maldosa dos habitantes de Temor-de-Deus, buscando evitar que o conhecimento dos prodígios da menina se espalhasse pelo lugar. Não há localidade nesse mundo que comporte a inocência de Nhinhinha. O entrechoque, portanto, dessas duas geografias criadas por João Guimarães Rosa se instaura e se demarca. Note-se que o Pai, a Mãe e a Tiantônia, mais que acostumados com a convivência com a menina, tinham medo da coisa, acreditando que fosse mesmo uma ilusão.

Decidiram mesmo de guardar segredo. Não viessem ali os curiosos, gente maldosa e interesseira, com escândalos. Ou os padres, o bispo, quisessem tomar conta da menina, levá-la para sério convento. Ninguém, nem os parentes de mais de perto, devia saber. Também, o Pai, Tiantônia e a Mãe,

nem queriam versar conversas, sentiam um medo extraordinário da coisa. Achavam ilusão (ROSA, 2001, p. 70).

Então, a geografia do mundo de cá e a geografia do mundo de lá podem se desdobrar ainda na geografia do mundo da criança e na geografia do mundo dos adultos. O mundo da criança se expressa por meio da linguagem infantil de Nhinhinha, da visão especialíssima que a pequena tem de seu entorno e de seu pouco interesse por coisa de grande monta, como já verificado em linhas anteriores deste trabalho.

Noutro sentido, o mundo dos adultos se evidencia pela visão prática que os parentes querem daquela criança, ao pensarem que Nhinhinha poderia curar os males da Mãe, como quem dispõe de um remédio que se encontra sempre à mão, ou que se dispusesse a solucionar quaisquer problemas que se apresentassem no dia a dia da família.

O que ao Pai, aos poucos, pegava a aborrecer, era que de tudo não se tirasse o sensato proveito. Veio a seca, maior, até o brejo ameaçava de se estorricar. Experimentaram pedir a Nhinhinha: que quisesse a chuva. –“Mas não pode, ué...” – ela sacudiu a cabecinha. Instaram-na: que, se não, se acabava tudo, o leite, o arroz, a carne, os doces, frutas, o melado. – “Deixa...Deixa...” – se sorria, repousada, chegou a fechar os olhos, ao insistirem, no súbito adormecer das andorinhas (ROSA, 2001, p. 70).

Pai e Mãe cochichavam, contentes: que, quando ela crescesse e tomasse juízo, ia poder ajudar muito a eles, conforme à Providência decerto prazia que fosse (ROSA, 2001, p. 71).

Contudo, o embate mútuo entre essas duas outras geografias – a do mundo adulto e a do mundo da infância – pode ser verificado na passagem em que Nhinhinha fora repreendida por Tiantônia de maneira nunca dantes averiguada, logo após a menina haver tomado contato com o “arco-íris da chuva”. Posteriormente, o narrador revelará ao leitor que aquilo que a menina desejara e que causara motivo para a reprimenda da tia fora um “caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites brilhantes...”. Fato é que Tiantônia interpretara como despropósito a fala de Nhinhinha, a quem tudo o que fosse da ordem do desejado acabava por se materializar.

Acontecida a passagem, ou o retorno de Nhinhinha ao mundo de lá – este que é verdadeiramente o mundo da menina – é que os parentes se dão conta de sua ausência e da falta que a pequena lhes fazia.

E vai, Nhinhinha adoeceu e morreu. Diz-se que da má água desses ares. Todos os vivos atos se passam longe demais.

Desabado aquele feito, houve muitas diversas dores, de todos, dos de casa: um de-repente enorme. A Mãe, o Pai e Tiantônia davam conta de que era a mesma coisa que se cada um deles tivesse morrido por metade. E mais para repassar o coração, de se ver quando a Mãe desfiava o terço, mas em vez das ave-marias podendo só gemer aquilo de – “Menina grande...Menina grande...” – com toda ferocidade. E o Pai alisava com as mãos o tamboretinho em que Nhinhinha se sentava tanto, e em que ele mesmo se sentar não podia, que com o peso de seu corpo de homem o tamboretinho se quebrava (ROSA, 2001, p. 71).

A consciência de que Nhinhinha era mesmo menina que não lhes pertencia e que aquele jeito especialíssimo da criança em ter materializados os próprios anseios resultaria na futura realização de funerais com o “caixãozinho cor-de-rosa com verdes funebrilhos” tal qual Maria o desejara, de nada adiantando aos parentes nisso acordarem ou não. Haveria de sê-lo, à moda de milagre dentre outros milagres a que a menina dera feito.

Retomando o ponto relacionado ao arco-íris, elemento deflagrador do anúncio de Nhinhinha em querer que fosse dado a ela o caixãozinho, Santos afirma que

é importante pontuarmos que Nhinhinha não é a menina de lá, porque veio de outro planeta, mas porque ela ainda consegue ver as “coisas todas que no dia por dia a gente vem perdendo. Só a pura vida.” (ROSA, 1994, p. 401) E a pura vida é movimento (SANTOS, 2006, p. 111).

De fato, é possível verificarmos que a geografia do mundo dos adultos nivela à mesmice a variedade e a inventividade da linguagem que predomina na geografia do mundo da infância, no qual a vida é puro movimento. Por isso Nhinhinha parece inventar palavras que os adultos pouco compreendem. Ainda conforme Santos:

“A menina de lá” propicia a reflexão sobre um tema bastante valioso que é a recuperação da singularidade da palavra. As experiências da menina parecem ser sustentadas pela própria linguagem, pois não parece haver neste conto disparidades entre o vivido e o dito. A palavra brota, assim como brotam as percepções. Elas são imediatas, coladas às experiências. Por meio das falas de Nhinhinha penetramos na corrente viva da língua e da infância (SANTOS, 2006, p. 113).

Com base nas considerações de Santos, portanto, vale a pena ressaltar que em **Primeiras estórias**, a fala das crianças é a que desponta entre a maioria dos

personagens dos diversos contos que compõem a obra, em razão talvez de brotar assim, com pureza e autenticidade, tal como brotam as percepções infantis, “imediatas e coladas às experiências”, advindas mesmo de uma outra geografia diferente da que identifica o mundo dos adultos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos levantados nas linhas antecedentes, deflagrados a partir de tão breve leitura do conto **A menina de lá**, visto que muito há por investigar pelas veredas que se abrem a partir desta narrativa roseana, só fazem reforçar a noção de que a palavra é primordialmente o meio pelo qual João Guimarães Rosa, além de muitos outros, procurou explorar os sertões das Minas Gerais e os falares de seus habitantes, culminando por tornar-se o condutor nosso entre as infinitas e universais geografias do humano.

Conforme verificado, além da linguagem característica das geografias do sertão roseano, em que os mapas se desarticulam e fogem, entre rotas misteriosas e impossíveis combinações de lugares, para lembrar o ponto de vista do crítico Antonio Cândido, é ainda a fala da personagem Nhinhinha o elemento que, carregado de simbologia, inaugura para o leitor a porta de entrada para o mundo da infância, em contraponto à praticidade cotidiana do mundo adulto. No embate entre a fala dos adultos e a linguagem de Nhinhinha, o que antes é sugestionado pelo narrador roseano como sendo a geografia onírica e aparentemente sobrenatural do mundo de lá, mostra-se a extraordinária capacidade que as crianças possuem de viver e de reverter em palavras muito próprias as próprias experiências, tudo isso com uma intensidade que não é comum à geografia do mundo adulto.

João Guimarães Rosa foi o criador de uma obra em que a linguagem sempre se fez manejar de maneira surpreendente, tanto no que concerne aos aspectos mais comuns da sintaxe quanto no que diz respeito à sistematização apregoada pela gramática normativa da língua portuguesa. Ao trilhar esse caminho, o escritor bem soube aproximar sua maneira de escrever à fala das crianças, alcançando assim a possibilidade de escrever com a mesma liberdade com que a infância cria e recria intensas e variadas geografias.

## GEOGRAPHIES ROSEANAS DANS LE A MENINA DE LÁ

### RÉSUMÉ

Ce travail est une lecture critique d'un conte de Guimarães Rosa intitulé **A menina de lá (La fille de là-bas)** qui intègre le livre **Primeiras estórias**, publié pour la première fois en 1962. Nous avons cherché à souligner comment, par moyen de la manipulation esthétique du mot, l'écrivain de Cordisburgo mène le lecteur à plusieurs géographies, en le poussant à parcourir et à reconnaître les perceptions caractéristiques non seulement du Sertão (la brousse) mais aussi celles du monde des enfants et du monde des adultes. Dans cet exercice de la parole, en entrant en contact avec les potentialités et particularités du langage qui caractérise le personnage Nhinhinha, il est possible de dévoiler la réalité placée entre le monde pratique des adultes, situé dans la géographie prévisible et rationnelle du monde de déjà, et le sens onirique et surprenant, parmi d'autres dimensions qui s'établissent aux frontières du monde de là-bas, monde perméable à l'entrée des enfants et de ceux qui manient la parole comme eux.

Mots-clés : Conte. João Guimarães Rosa. Langue. Littérature Brésilienne.

### REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 294-309.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. 38 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. **Grande sertão: veredas**. 18 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. A menina de lá. In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 67-72.

\_\_\_\_\_. **Aí está Minas: a mineiridade**. Disponível em: <[www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/ai-esta-minas-a-mineiridade](http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/ai-esta-minas-a-mineiridade)>. Acesso em: 01 jun. 2015.

SANTOS, Iolanda Cristina dos. **O aprendizado do olhar na obra de Guimarães Rosa**. 2006. 261 f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura – Poética). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.